

A bandeira em sua origem vocabular (*)

Waldemar Gola

- I. A lição de José Joaquim Nunes e Adolfo Coelho. —
 - II. O radical germanico indicado por Carlos Góis. —
 - III. A palavra “bandeira” no vocábulo dos clássicos. —
 - IV. Bandeira sim, bandeirante não. —
 - V. Bandeirante, porque? —
 - VI. Bandeirante e bandeirismo na derivação gramatical. —
 - VII. Outras derivações menos empregadas. —
 - VIII. Retorno ao problema etimológico. —
 - IX. O que registra o Dicionário Etimológico de Antenor Nascentes. —
 - X. A resposta de Augusto Magne. —
- Conclusão.

“ ainda que a noticia dos vocábulos é de todos, saber a origem dêles e só dos que sabem as coisas e mais as causas”.

(Pe. ANTONIO VIEIRA, *Sermão de Nossa Senhora do Rosário*, XXVII, 2ª parte).

A lição de José Joaquim Nunes e Adolfo Coelho

A palavra bandeira não se derivou do latim. Nenhum substantivo, ou qualquer outra categoria gramatical, existe, nessa língua, capaz de dar origem ao referido vocábulo.

O substantivo apelativo neutro *vexillum*, *i*, (de *vehere*), que o dicionarista SANTOS SARAIVA traduz por bandeira, estandarte, não forneceu a nenhuma língua néo-latina o radical dêsse têrmo.

(*) Dissertação apresentada ao PROF. DR. WALDEMAR FERREIRA, na cadeira de História do Direito Nacional, do *Curso de Doutorado da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo*.

Os filólogos e dicionaristas que consultamos, embora divergindo em outros pontos, são unânimes em silenciar qualquer relação entre essas duas palavras, pois, efetivamente, nenhuma lei fonética existe, capaz de justificar essa transformação.

O Dr. JOSÉ JOAQUIM NUNES, no seu *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*, refere-se duas vezes à palavra bandeira, dando-a como derivada de *bandaria*, expressão que escreve precedida de asterisco (*), para indicar, de acôrdo com a convenção comum às obras de filologia, que se trata de palavra hipotética, “isto é, não existente nos textos, mas deduzida das várias línguas românicas. (1).

A lição de JOSÉ J. NUNES coincide com a de ADOLFO COELHO, segundo o confirma ANTENOR NASCENTES, no seu Dicionário Etimológico, verbete bandeira.

II — O radical germânico indicado por Carlos Góis

No seu precioso Dicionário de Raizes e Cognatos da Língua Portuguesa, Carlos Góis indica a raiz germânica *band*, com o significado de ligar, reunir, como sendo o embrião das palavras *band* (o) e *band* (eira), afirmando

(1) *Compêndio de Gram. Hist. Port.* — 3.^a ed. — 1945, introd. pág. XII. As referências à palavra *bandaria* estão nas páginas 179 e 191. A respeito desses vocábulos tidos como existentes em determinada fase de uma língua, mas de que não há provas escritas, vem a propósito citar o seguinte passo de MANUEL DE PAIVA BOLÉO, extrai-do seu livro *Introdução ao Estudo da Filologia Portuguesa* (edição da *Revista de Portugal*, Lisboa, 1946, pág. 25): “O grande fundo do nosso léxico é, como se sabe, de proveniência latina, do *sermo rusticus* falado nesta província romana que se chamou Lusitânia, de que fazia parte o território portugalense. Muitos vocábulos não foram fixados em textos literários, mas isso não nos impede de admitir, com relativa segurança, a sua existência. Há, portanto, formas re-constituídas ou intermédias que é perfeitamente legítimo pressupôr; o que se torna necessário é proceder com a devida cautela.”

que, desta última, é que “no Brasil se formou band-eir (a)-ante”.

Se bem apreendemos sua lição, quiz CARLOS GÓIS, dizer que a palavra bandeirante formou-se no Brasil, embora o vocábulo bandeira tenha vindo de Portugal.

A palavra bandeira no vocabulário dos clássicos

Realmente, bandeirante não, mas bandeira é palavra encontrada nos clássicos da era dos descobrimentos.

AFRÂNIO PEIXOTO e PEDRO A. PINTO, no *Dicionário d' Os Lusíadas*, assinalam sua presença em quatorze versos do poema, e se bem verificamos, significando sempre estandarte, pavilhão, lábaro ou pendão.

Com o mesmo sentido encontramos a palavra empregada por GIL VICENTE, que, na *Exortação da Guerra*, a põe nos lábios de POLICENA, nos seguintes versos:

Senhores guerreiros, guerreiros,
e vós, senhoras guerreiras,
bandeiras e não gorgueiras
lavrai pera os cavaleiros. (2).

Curioso é assinalar que na mesma época, no tão dilatado número de páginas de “As Peregrinações” não usou FERNÃO MENDES PINTO, nem uma só vez, a palavra bandeira. Empregou *estendarte* (por estandarte), numerosas vezes, conforme se vê no vocabulário que encerra o volume VII da edição organizada por A. J. DA COSTA PIMPÃO. (3).

Por outro lado, usando a mesma linguagem, pois que lhe foi contemporâneo, Camões quatro vezes escreveu essa

(2) Na edição crítica do Prof. JOÃO DE ALMEIDA LUCAS, *Rev. do Ocidente* — Lisboa 1944. No glossário aposto ao fim da obra, o seu autor observa: “bandeiras — s. f. pl. v. 353. Do latim “bandarias” Segue, assim, a lição de J. J. NUNES.

(3) *As Peregrinações de FERNÃO MENDES PINTO*. Portucalense. Editora, Porto, 1945.

palavra em *Os Lusíadas*, mas à moderna, como a escrevemos agora, o que verificamos com cuidado, confrontando os vários passos do poema. (4).

Parece não ser êsse o único exemplo onde se nota a preferência do Poeta por formas e expressões mais novas, a exprimir um permanente esforço no sentido da renovação e enriquecimento da língua, o que, aliás, foi notado pelo eminente camonista que sempre se revelou o nosso grande AFRÂNIO PEIXOTO. Em conferência que integra o livro *Arquivo Camoniano*, publicado pela Academia Brasileira de Letras, em 1943, lembra AFRÂNIO, apoiado em FARIA E SOUSA, o uso feito pelo poeta, de cerca de 120 palavras “que entonces se podia llamar peregrinas”, assim como de 150 latinismos, êstes contados por ANTENOR NASCENTES, o que bem mostra a modernidade do espírito de CAMÕES, maximé tendo-se em conta que o número de arcaísmos por êle aproveitados não passou de quinze...

Assinala-se ainda o emprego da palavra bandeira, feito por AFONSO DE ALBUQUERQUE (*Cartas*, 169), JOÃO DE BARROS (*Décadas*, I, 1,7) e FERREIRA DE VASCONCELOS, (*Eufrosina*), exemplos êsses enumerados numa edição recentíssima do Dicionário de MORAIS, em seis volumes, feita sob a direção de AUGUSTO MORENO, JOSÉ PEDRO MACHADO e CARDOSO JUNIOR.

Também FERNÃO LOPES, com o destempero ortográfico da época, assim empregou o termo: “E êstes tinham huuma alta *bandeira* de San Jorge e outros balsoões de mes-tura; assy que a az da auamguarda com suas allas era semeada de *bamdeiras* (sic) e pendões como a cada hum prazia de teer. .” (5).

(4) *Os Lusíadas* em edição fac-similada na de 1572. Editora *Revista do Ocidente* 1943.

(5) *Fontes Medievais da História de Portugal* — Seleção, Prefácio e Notas de ALFREDO PIMENTA — *Classicos Sá da Costa*, Lisboa 1948, vol. I, pag. 313.

Bandeira sim, bandeirante, não.

Ora, se a palavra bandeirante não é empregada pelos escritores portugueses e brasileiros anteriores ao evento dêsse fenômeno histórico, então assiste razão a CARLOS GÓIS; ela aquí se criou para denominar o tipo social que integrava a bandeira.

E bandeira, nas acepções analógicas, é também palavra cunhada no Brasil? Qual a resposta dos dicionaristas?

Embora sem ter feito sôbre isso uma pesquisa muito longa, parece-nos que se pode dar uma resposta negativa. MORAIS, no Dicionário da 2.^a edição, de 1813, assinala, abornado em Rui de Pina, uma acepção que já se aproxima do sentido que depois se emprestou à palavra bandeira, significando não sômente estandarte, mas símbolo de poder e honra: “Deu-lhe acrescentamento de conde e bandeira quadrada”.

Assinale-se de passagem, e não sem despropósito com o assunto versado, que na mesma edição do Dicionário de MORAIS, pode-se verificar a diferença que existe entre as palavras bandeira e estandarte, que não são inteiramente sinônimas, pois alí está, extraída do mesmo RUI DE PINA, a seguinte frase: “cortou as pontas do estandarte e ficou em bandeira quadrada como Príncipe”, o que mostra ser o estandarte a insígnia triangular alongada, dos lanceiros e cavalianos antigos, ao contrário da bandeira, que em forma e hierarquia era cousa diferente.

Vê-se pois, que o emprego da palavra bandeira começou muito cedo a ser feito em sentido analógico, como se verifica também do seguinte exemplo tirado de FERREIRA DE VASCONCELOS. (*Eufrosina, passim*), que vem citado na referida edição do Dicionário de MORAIS e outros: “. se partiu levando em outros capitais de sua bandeira”.

Mas no sentido de *entrada* “e correspondente ao que os espanhois denominavam *maloca*, o nome de *bandeira* só

começou a ser usado no Brasil do século XVII, a centúria das grandes e atrevidas expedições do Brasil a dentro”, afirma BERNARDINO JOSÉ DE SOUSA, no seu *Onomástico Geral da Geografia Brasileira*, seguindo lição de AFONSO DE TAUNAY.

A êsse propósito também discorre ALCÂNTARA MACHADO: “Bandeira e bandeirante são palavras que não aparecem, com o sentido que hoje em dia lhes emprestamos, nos inventários divulgados. Só em 1726 um documento do padre JOÃO GOMES, superior da missão jesuítica de Paranaguá, menciona o fato do povoador de Laguna ter despedido uma *bandeira* com trinta pessoas, cujo cabo é JOÃO DE MAGALHÃES, a povoar o Rio Grande.

Nada denuncia também que em São Paulo tenham adquirido fóros de cidade as palavras *maloca* e *maloquero*, de cunho nitidamente crioulo, com que os hispano-americano designavam respectivamente a expedição e o expedicionário.

À incursão os documentos paulistas do tempo chamam *entrada*, *jornada*, *viagem*, *companhia*, *descobrimento* e, mais raramente, *frota*.

Para individualizá-la nomeiam o organizador ou cabeça: entrada de DOMINGOS RODRIGUES DE PARAUPAVA, entrada de MACEDO, entrada que fêz BELCHIOR CARNEIRO, entrada adonde vai LÁZARO DA COSTA, entrada que vai fazer por mandado de DIOGO DE QUADROS, viagem de Diogo Fernandes, viagem que SIMÃO ALVARES fêz ao Caeté, jornada, companhia, guerra de NICOLAU BARRETO. Ou então o lugar do destino: viagem de Itaqui, entrada do rio Guaibihí, viagem aos Amboupurás.

Guerra é o têrmo empregado quando o autorizam o porte e o carater mais ou menos oficial do empreendimento: guerra de JERÔNIMO LEITÃO, guerra de Parnaíba, guerra a que ora vamos com o Sr. JOÃO PEREIRA DE SOUSA capitão.

Os que participam da emprêsa não tem denominação especial. *Soldados dêste arraial* é a expressão feliz que

só uma ou duas vêzes aparece. Em regra, vão tôdos englobados numa palavra genérica: homens, gente ou companhia” (6).

Há também a palavra *tropa*, não enunciada por ALCÂNTARA MACHADO por não a ter visto nos Inventários e Testamentos, mas que é coetânea das demais enumeradas, como o prova êste passo de PEDRO TAQUES: “Antes de se ausentar de São Vicente para o reino, o governador MARTIM AFONSO DE SOUSA intentou conseguir descobrimento de minas: preparou uma grande *tropa* e bem fornecida de armas contra o poder da multidão dos índios que habitavam o sertão da costa do sul; porém com a rota que teve perdendo oitenta homens as vidas, ficou sem efeito a pretendida *diligência*” (7).

Curioso é assinalar que narrando o mesmo successo empregou FREI GASPAR DA MADRE DE DEUS a palavra *bandeira*, conforme se pode ver no seguinte trecho: “A sua última ação memorável no Brasil, (refere-se a MARTIM AFONSO DE SOUSA) teve por objeto o descobrimento de Minas. Constando-lhe por informação dos índios, que nas vizinhanças de Cananéa, havia ouro, aprontou uma *Bandeira* (sic) de 80 homens, e por êles mandou examinar o sítio indicado das Minas, mas com successo infeliz; porque os bárbaros Carijós, senhores do país existente ao Sul do Rio de Cananéa, mataram os exploradores das minas, antes de as descobrirem” (8).

Talvez se possa adiantar a afirmação de que a palavra *bandeira* começou a ser empregada para denominar a entrada, jornada ou *tropa*, mais ou menos pela época de

(6) ALCÂNTARA MACHADO *Vida e Morte do Bandeirante* — 2.^a edição — Empresa da *Revista dos Tribunais*, 1930, pag. 262/263.

(7) PEDRO TAQUES DE ALMEIDA PAIS LEME — *História da Capitania de São Vicente* — Editora: Cia. Melhoramentos de S. Paulo s/d, pag. 67.

(8) FREI GASPAR DA MADRE DE DEUS — *Memórias para a História da Capitania de São Vicente*, 3.^a edição (Cia Melhoramentos de São Paulo), 1920, pag. 190.

Frei Gaspar, que viveu de 1715 a 1800, e cujas *Memórias para a História da Capitania de São Vicente* são de 1797. FREI GASPAS e PEDRO TAQUES (1714 — 1777), foram contemporâneos, tendo até realizado estudos em comum (9).

Mas a obra dêste foi escrita primeiro, mais ou menos em 1770.

Ora, os Inventários e Testamentos, que foram tão zelosamente examinados por ALCÂNTARA MACHADO e não denunciam a presença da palavra bandeira, abrangem o período de 1578 a 1700. Se nesses documentos a palavra não figura, se PEDRO TAQUES também não a emprega (10),

(9) Cf. AFONSO DE E. TAUNAY, no esboço biográfico que antecede a *História* de PEDRO TAQUES, edição cit., pag. 32.

(10) Que no tempo de PEDRO TAQUES ainda não era corrente a designação das entradas por meio da palavra bandeira, e nem muito menos, empregada a sua derivada, bandeirante, pode-se verificar pelas numerosas vezes que o cronista nomeia os fundadores de vilas espalhadas pela capitania, aos quais chama sempre de *paulistas*, numa repetição que não se daria, se a palavra bandeirante já fosse de uso comum. Vg. *A vila de Curitiba* serra acima e Sertão de Paranaguá tem minas de ouro de lavagem, e tão antigas que foram descobertas no ano de 1680 pelo *paulista* SALVADOR JORGE VELHO”.

“A Vila de Santa Anna de Parnaíba foi fundada pelo *paulista* ANDRÉ FERNANDES”.

“A Vila de Nossa Senhora da Candelária de Itú foi povoação do *paulista* DOMINGOS FERNANDES com seu genro CRISTOVÃO DENÍS”.

“A Vila de Nossa Senhora da Ponte de Sorocaba foi povoação que fundou pelos anos de 1670 o *paulista* BALTAZAR FERNANDES”.

“O sítio de S. João do Atibaia foi estabelecimento potentado *paulista* JERÔNIMO DE CAMARGO”

“A Vila de Nossa Senhora da Conceição do rio Paraíba Jacaraí foi ereta em tempo do donatário DIOGO DE FARO E SOUSA, pelos anos de 1562, e dela foi povoador e fundador à custa da própria fazenda o *paulista* ANTONIO AFONSO, com seus filhos ANTONIO AFONSO, FRANCISCO AFONSO, BARTOLOMEU AFONSO, ESTEVÃO AFONSO”.

Ainda há outras referências a nomes de bandeirantes semeadores de currais e espalhadores de povoados, mas PEDRO TAQUES sempre os designa por *paulistas*.

Vide a *História da Capitania de São Vicente*”, edição citada, pags. 142 a 153.

mas em 1797 ela vai aparecer já grafada pela mão de FREI GASPAR DA MADRE DE DEUS, pode-se concluir que o seu uso deve ter começado a ser corrente só no último quartel do século XVIII, e não no decorrer do século XVII, “na centúria das grandes e atrevidas expedições”, como afirma BERNARDINO JOSÉ DE SOUSA no seu valiosíssimo *Onomástico Geral da Geografia Brasileira* (11).

Ao tempo das expedições só temos notícia de haver sido uma única vez empregado esse termo, e mesmo assim, não no sentido posterior, mas na acepção que já surpreendemos em RUI DE PINA e FERREIRA DE VASCONCELOS. Quem disso nos dá conhecimento é BELMONTE, cujo passo vale a pena transcrever por inteiro: “Quanto à bandeira que os paulistas levam... No começo do século, em 1603, não existe em São Paulo nenhuma bandeira da cruz da Ordem de Cristo, dos domínios ultramarinos de Portugal. No dia 4 de Janeiro desse ano, o procurador do Conselho requer” que se ajunte o povo para pedirem ao povo dinheiro para uma bandeira, porque não há na vila, nem o Conselho tem dinheiro para isso”.

Se a Câmara não possui uma bandeira, nem tem dinheiro para isso, não admira que, pelo menos no início do século, os paulistas levem ao sertão outros pendões que não o das quinas. Os padres JUSTO MANSILLA e SIMOM MACETA, na ruidosa *Relación de los Agravios* afirmam que, quando os paulistas investiram contra as reduções jesuíticas de Guairá e Iguazú “las vanderas que levavam no teniam las armas del rey sino outras señales diferentes”.

Que sinais ou insígnias serão? O padre VASQUES TRUJILLO, provincial do Paraguai, em carta que escreveu a FILIPE IV, em 12 de Junho de 1632, afirma que os bandei-

(11) 3.^a edição, publicada na Bahia, em 1927, da *Nomenclatura Geográfica Peculiar ao Brasil*, livro que hoje se intitula *Dicionário da Terra e da Gente do Brasil*, incluída na “Brasiliiana” da Cia Editora Nacional, de São Paulo, obra tão valiosa que já se encontra de novo esgotada, o que nos impediu de conferir, nesta última edição, o verbete que nos ocupa.

rantes não o reconhecem como rei, pois tem soberano próprio, cujas insígnias e brasões êle viu nas bandeiras que os invasores levavam. Embora o informe possa ser verdadeiro, não está de acôrdo com a relação da viagem que o governador VALVERDE faz, em 1657, aos *pueblos* jesuíticos do Paraná, nem com a carta do padre MIGUEL GOMES, data-da de 1651, os quais viram, entre os troféus tomados aos bandeirantes na refrega, uma bandeira com a efigie de Santo Antônio.

É possível, contudo, que os cinco estejam certos e que, na legião de Raposo Tavares houvesse mais de uma bandeira — justa compensação ao fato de, nas Atas e nos Inventários, não se encontrar senão raríssimas referências ao pendão bandeirante.

Assim, parece que, a primeira vêz a empregar-se o têrmo *bandeira*, no planalto, na sua acepção de sertanista, é no requerimento que os oficiais da Câmara de 1612 enviam ao governador da Capitania, queixando-se da ação draconiana do administrador MATEUS DA COSTA ABORIM: “.. o dito administrador os avexa com excomunhões sendo a jurisdição real de sua magestade e sua justiça não indo contra a ninguem nem levantam bandeira. ”

Seja, porém, como fôr, o certo é que a denominação de *bandeirantes* dada, nos primórdios do século XVII, aos ciclópicos desbravadores paulistas, preenche um espaço que a pobreza documental do seiscentismo deixou em claro. E é assim, com a bandeira desfraldada no recesso das florestas pávidas, que os vemos passar, rumo ao desconhecido, para a fortuna ou para a morte.. ” (12).

Vemos, assim, que a versão referente ao emprego da palavra bandeira, já no século XVII é aceita também por BELMONTE, que acompanha nêsse ponto a BERNARDINO JOSÉ DE SOUSA e TAUNAY, tese essa que não coincide com a de ALCÂNTARA MACHADO, cuja maior exatidão parece ser con-

(12) BELMONTE — *No tempo dos Bandeirantes* — 4.^a edição, s/d, (Cia Melhoramentos de São Paulo), pags. 177 e ss.

firmada pelos textos de FREI GASPAR e PEDRO TAQUES, por nós acima citados.

Como na elaboração dêste trabalho não pudemos ter em mãos o primeiro tomo da *História Geral das Bandeiras Paulistas*, do eminente Mestre AFONSO DE TAUNY, onde deve encontrar-se algo mais do que o referido no verbete do Dicionário de BERNARDINO JOSÉ DE SOUZA, não temos base afirmar que ao ilustre Historiador dos Bandeirantes tenha passado despercebido êste pormenor, a êle, que justamente, com tão magno saber, preparou tanto a edição da *História* de PEDRO TAQUES, como a das *Memorias* de FREI GASPAR. Por isso, fica em pé a interrogação: a palavra bandeira, na acepção de entrada, foi empregada já no século XVII, ou sòmente no correr do século XVIII?

Bandeira, porque?

Já vimos as principais variantes semânticas ocorridas com a palavra bandeira, que primeiro foi sòmente empregada no sentido de emblema, do *pendam* da linguagem arcáica; passou depois a ser designativo de certa hierarquia militar, vindo a denominar em seguida o próprio agrupamento a que servira de símbolo. E dessa acepção é que no Brasil veio o têrmo assumir novo significado lexicológico, passando a designar a entrada terrestre dos desbravadores do sertão, para o apresamento de índios e busca de ouro e pedrarias.

Mas — e a pergunta já foi feita inúmeras vêzes — por que se batizou com o nome de bandeiras a essas entradas que eclodiram nos séculos XVII e XVIII, principalmente em Piratininga?

De uma das respostas lembrou-se ALCÂNTARA MACHADO, que assim a resumiu: “com a prudência que lhe é peculiar, o sábio CAPISTRANO recorda, a propósito, a usança

tupiniquim de alçar uma bandeira à guisa de declaração de guerra” (13).

Essa é uma versão, diríamos, autótone, da usança, que seduz pelo seu cunho de brasileirismo, mas que o próprio CAPISTRANO DE ABREU apresentou sem muita convicção de corresponder a uma origem válida. Fê-lo através de um enunciado dubitativo: “Bandeiras eram partidas de homens empregados em prender e escravizar o gentio indígena. O nome provém *talvez* do costume tupiniquim, referido por ANCHIETA, de levantar-se uma bandeira em sinal de guerra” (14).

Mas o próprio ALCÂNTARA MACHADO, tão lesto em recordar a sugestão de Capistrano, pelo visto não a aceitou, pois no mesmo momento propõe outra explicação: “Não será impertinência lembrarmos também que, nas empresas de caracter militar mais acentuado e de maior importância, os expedicionários iam classificados em companhias, e cada companhia levava o seu pendão. Dizem-o das forças que assaltaram em 1629 as missões de Guairá e Igarapé, os autores da *Relación de los Agravios*, sublinhando que as bandeiras hasteadas pelos paulistas não mostravam as armas de El-Rey, mas outros sinais diferentes” (15).

A de ALCÂNTARA MACHADO é no fundo a mesma explicação de CAPISTRANO, com a variante de não derivá-la de uma usança de origem tupiniquim.

Mostrando o cuidado de muitas leituras, BERNARDINO JOSÉ DE SOUSA ao perguntar também qual a razão de ser desta denominação, apresenta o melhor resumo das opiniões existentes, em trecho que vale a pena transcrever por inteiro, dadas as muitas lições que encerra:

(13) ALCÂNTARA MACHADO — *Vida e Morte do Bandeirante*, 2.^a ed. pag. 260.

(14) J. CAPISTRANO DE ABREU, *Capítulos de História Colonial*, 4.^a edição, 1954, Livraria Briguiet, pag. 178.

(15) Ob. cit., pag. 260.

“Divergem os autores brasileiros. AFRANIO PEIXOTO (*Minha terra e minha gente*), CAPISTRAO DE ABREU (citado por DELGADO DE CARVALHO em sua *Chorographia*), GENTIL MOURA (*As Bandeiras Paulistas*) e outros, a maioria, dizem provir do facto de terem as bandeiras uma insignia, um estandarte, uma bandeira, em tórno dos quaes se reuniam os expedicionários, que os conduziam como symbolos de guerra; ARTHUR ORLANDO (*Brasil. A Terra e o Homem*) e OSORIO DUQUE ESTRADA (*História do Brasil*) derivam-na de bando capitaneado por um caudilho; ROCHA POMBO (*História do Brasil*, VI vol.), invocando a autoridade de J. MIRANDA (*História Militar do Brasil*, publicada nos *Annaes da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, vol. 22), indica, a nosso aviso, a verdadeira origem do tórmo. Bandeiras, diz o mestre, “chamavam-se pequenos grupos de assalto que se destacavam de um corpo de tropas ou de uma guarnição, com alguma incumbência arriscada e dependente mais da rapidez do ataque do que de combate leal.

“De feito, além de J. MIRALES, no livro clássico de LATINO COELHO, *História Militar de Portugal* —, à pag. 6, encontramos o nome de bandeiras ou companhias, como fracções de tropa que combatiam dispersas e isoladas, antes do século XVII. Segundo lemos na *Encyclopedia Hispano-Americana*, dava-se o nome de bandeira, primitivamente, ao tropel de gente armada, e depois, às companhias dos terços de infantaria. Por outro lado, o insigne mestre THEODORO SAMPAIO, em notas que nos forneceu, afirma não ser a bandeira signal que appareça nos bandos sertanistas, o que concorda com a opinião de FRANCISCO DE PAULO RIBEIRO, numa *Memória sôbre as Nações Gêntias* (*Rev. do Inst. Hist. e Geog. Brasileiro*, Tomo III, pag. 143), na qual lemos: “Eis-aquí pois formada uma bandeira, nome que dêsde muito tempo dão os moradores a êstes ajuntamentos, e dão-lhe tanto sem motivo, quanto porque é insignia esta

ou signal, que não aparece ali, como porque primeiro se lhes deveria chamar bandos de homens tumultuosos, do que batalhão concertado. ” Julgamos assim, muito mais plausível, que o nome de bandeira, dado às caravanas em marcha pelos sertões, seja uma revivescencia no Brasil das companhias de assalto que outr’ora, na metropole, eram incumbidas de reconhecimentos arriscados e empresas temerárias: na prêsa do índio solerte, na procura do ouro, da prata, das esmeraldas e outras pedras preciosas, no combate aos traiçoeiros quilombólas, na penetração e colonização de uma terra ignota e virgem, tudo era uma cilada, uma insídia, um perigo instante, e aquela gente abandeirada, que se confessava e fazia testamento antes de partir, revelara inédita coragem e audácia sem par” (16).

Tais e tantas teorias levaram o economista J. F. NORMANO a confundir etimologia com significado lexicológico de palavras, conforme se vê no resumo que de tudo isso nos deu êle em livro valioso que sôbre o Brasil escreveu: “A palavra “bandeira” teve duas etimologias diferentes: no primeiro período foi adotada como derivada de “bando”, isto é, grupos armados, constituídos de homens que naturalmente se organizavam sob regras militares. Nas organizações posteriores, a palavra “bandeira” passou a designar os grupos formados sob o signo representativo de um ideal, consubstanciado num pavilhão próprio. Os futuros bandeirantes inscreviam-se nos registros das Câmaras Municipais, organizavam o seu pavilhão e obedeciam à direção de um chefe. As entradas eram de origem local, ao passo que as bandeiras tinham diferentes fontes de formação. Eram organizadas pelo Govêrno Português, pelo govêrno colonial, pelos donatários das capitânicas e pela

(16) BERNARDINO JOSÉ DE SOUSA, *Onomástico Geral da Geografia Brasileira*, 3.^a edição, Bahia, 1927, verbete, “bandeira”.

iniciativa particular — sendo que estas últimas caracterizavam sobretudo as bandeiras paulistas” (17).

Salvante a confusão linguística assinalada, existe nêsse resumo um conjunto de noções, muito valiosas para explicar

(17) J. F. NORMANO — *Evolução Econômica do Brasil* (Tração publicada na “*Brasiliana*” da Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1939, pag. 80).

(obs). Pena que um erudito de tão grandes méritos, como foi o nosso JOÃO RIBEIRO, não nos tivesse deixado algumas observações sôbre a palavra bandeira, a exemplo do que fêz para o têrmo monção, cujo estudo etimológico, breve mas magistral, está em seu livro *Curiosidades verbais*, edição Melhoramentos, s/d (1927?), pag. 181 e ss., do qual transcrevemos o seguinte trecho, demonstrativo da cultura filológica do grande mestre brasileiro: “A monção que, ao primeiro exame, parece uma expressão latina (motione) é diversamente um têrmo árabe que os portugueses aprenderam dos pilotos mouriscos orientais.

A palavra arábica é mausim e tem o sentido literal de tempo fixado para qualquer solenidade.

A prosodia primitiva que encontramos ainda em Garcia de Rezende é moução; a primeira syllaba da palavra ficou inteiramente nasalizada por se iniciar com o nasal m (assim sucedeu a mim por mi, muito, pronúncia usual de muito, e mancha por macha, mácula).

Dest’arte, monção formou-se de moução mounção.

Os árabes marcam com o vocábulo mausim e mausam o tempo próprio de qualquer cousa. No Líbano, segundo informa Yule ha a monção dos trabalhos da sêda.

GARCIA DA ORTA nos *Colloquios da Índia* emprega a palavra monção para designar o tempo das mangas: “A monção dellas he nas terras temporans em abril e nas outras terras serodias em maio e junho” — II, 100.

O erudito anotador CONDE DE FICALHO (como já o fizera YULE) assegura que esta phase de ORTA é a única em autor português em que monção se acha com o sentido próprio do mausim, árabe, isto é, o de estação do anno (e mais especialmente os menses de peregrinar a Méca).

O têrmo generalizou-se naturalmente entre os navegantes e mesmo entre os que jornadeavam em terra. Sabemos pela história do Brasil que os nossos bandeirantes partiam na monção que vinha ser a época mais propícia às longas investidas pelo sertão. Parece mesmo que o vocábulo passou a designar a própria expedição já reunida e organizada no momento de partir.

a gênese da bandeira e de sua denominação, a qual não estava alheia a idéia de *bando*, como veremos no final dêste trabalho, o que foi com muita subtileza observado pelo atilado pesquisador norte-americano que tão bom livro nos legou.

Bandeirante e bandeirismo na derivação gramatical

Aceita a lição de CARLOS GÓIS, quanto à formação brasileira do termo bandeirante, devemos lembrar que essa transformação se operou através do processo chamado de derivação, que consiste no acréscimo, sôbre as palavras existentes, “de certos elementos formativos com que adquirem sentido novo, referido contudo ao significado da palavra primitiva” (18).

Esse processo de derivação, se faz de dois modos: pelo acréscimo do elemento formativo no início, ou no fim da palavra. Se no início, trata-se de derivação prefixal; se no fim, de derivação sufixal.

O termo *bandeir (a) ante*, como se vê, foi formado pelo processo de derivação sufixal, com acréscimo do elemento *ante*, procedente dos sufixos *ans*, *antis*, particípios do presente da língua latina, que designam qualidade ou estado, conforme ensina o Prof. ERNESTO CARNEIRO RIBEIRO (19).

Portanto, bandeirante qualifica aquele individuo que acompanha ou integra uma bandeira, como caminhante qualifica o que caminha, ou negociante, o que negocia. Esse sufixo pertence ao grupo dos que servem para formar adjetivos de substantivos.

Da palavra bandeira, e não de bandeirante, derivou-se, por sua vêz o termo bandeirismo, com o natural processo

18) M. SAID ALI, *Formação das palavras e Sintaxe do Português Histórico*, 2.^a parte da *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Cia Melhoramentos de São Paulo, 2.^a edição, s/d.

(19) *Serões Gramaticais*, 4.^a edição, pag. 98.

de supressão da última vogal do elemento básico, e aneção do respectivo sufixo (bandeir (a) ismo), uma vêz que repugnaria à índole da língua a manutenção do inútil ditongo, a infringir a lei da economia vocabular.

Pelo mesmo motivo não teve melhor fortuna a palavra bandeirantismo que, se na linguagem imperasse a lógica, seria a mais própria para designar o fenômeno social dos bandeirantes.

Ensina o Prof. SAID ALI, que algumas poucas palavras existiam no latim da idade média terminadas em ismo, entre as quais catolicismo, catecismo, paganismo ou exorcismo, que facilmente se vulgarizaram sem que por isso a linguagem popular manifestasse a disposição de converter tais palavras em tipo produtor de novos derivados em *ismo*.

Coube à língua culta, e não à popular, aproveitar-se de palavras internacionais e incorporá-las ao vocabulário vernáculo, acrescidas da terminação ismo, que a partir daqueles poucos têrmos qualificadores de doutrinas, a isso se prestavam. Assim se formou um grande número de nomes de doutrinas religiosas, filosóficas, políticas ou artísticas, como, calvinismo, protestantismo, ateismo, positivismo, materialismo, socialismo, gongorismo, simbolismo etc.

A êsses primeiros grupos designativos terminados em ismo acrescenta o Prof. SAID ALI mais dois outros, um dos quais com grande número de vozes. Êsse é o grupo de linguagem, em que o paciente filólogo distinguiu:

- a) peculiaridade do falar de certas pessoas (plebeismo, vulgarismo).
- b) imitação de língua estrangeira (latinismo, helenismo, galicismo).
- c) diferenciação de certas expressões com as do falar usual (arcaismo, neologismo, solecismo, barbarismo).

- d) linguagem científica para exprimir fenômenos (magnetismo, galvanismo, traumatismo etc).

Por fim, distinguiu o preclaro gramático, também um grupo de palavras que exprimem “a maneira de agir ou de pensar de acôrdo com o *procedimento* ou a doutrina própria de certo gênero de indivíduos”, como, heroísmo, pedantismo, fariseísmo, patriotismo, servilismo etc.

Pela classificação do Prof. SAID ALI parece-nos caber neste último grupo a inclusão da palavra bandeirismo, por ser designativa da maneira de proceder, de agir, dos componentes das bandeiras.

Não há uma doutrina do heroísmo, mas SAID ALI exemplificou também com esta palavra a sua regra. O Bandeirismo também não é uma doutrina, mas um modo de proceder, devendo ser, portanto, incluído no último grupo das palavras terminadas em ismo, segundo a classificação do eminente gramático brasileiro.

Outras derivações menos empregadas

Não precisamos estar mencionando outras derivações da palavra bandeira, depois que, com a palavra bandeirante, se rompeu a comporta de vozes novas, da primeira originadas. Vimos como se formou a trindade vocabular básica: bandeira — bandeirante — bandeirismo.

Não há muito, o Mestre destes assuntos, o eminente Prof. AFONSO DE TAUNAY imprimia de seu próprio cunho o termo bandeirógrafo, que logo deu bandeirografia, nome justo para expressar as atividades daqueles que, seguindo o maravilhoso exemplo, criaram toda uma literatura de pesquisa e esclarecimento desse extraordinário período da nossa história.

Um neologismo não bastou, porém, para o entusiasmo dos bandeirófilos. Erigindo o assunto bandeira em maté-

ria de disciplina autónoma, veio a seguir a expressão bandeirologia, de que já existe, há anos, um curso impresso: “Curso de Bandeirologia”.

O Dicionário de MORAIS, em sua segunda edição, só conhecia e acolhia a palavra bandeira no seu sentido restrito, como já vimos.

O léxico de CANDIDO DE FIGUEIREDO, na sua 8.^a edição, já enumera dez vocábulos derivados de bandeira.

Recentemente veio a lume uma edição feita por filólogos portugueses do dicionário de MORAIS E SILVA, agora em seis grandes volumes, e ali se encontram nada menos do que dezesseis palavras derivadas e dezenove expressões compostas de bandeira.

Quanto ao termo originário, o mesmo léxico imprime uma certa ordem às várias acepções que a palavra comporta, indicando as do seguinte modo:

- Bandeira 1 (de banda)
- Bandeira 2 (com o significado de palerma)
- Bandeira 3 (térmo de zoologia)
- Bandeira 4 (brasileirismo designativo de sinaleiro das vias férreas).

Retorno ao problema etimológico

Feita essa breve resenha histórica, literária e gramatical da palavra bandeira, voltemos ao problema etimológico, indicando as lições dos filólogos por nós consultados.

Retornando a CARLOS GÓIS, vemos que o dicionarista mineiro assinala a existência de dois radicais *band*, o primeiro de origem permânica, com o valor de ligar, reunir, que a seu ver orgiinou *band* (0), (originariamente rebanho), *band* (eira), *band* (a) e *band-ol* — (a) eiro, (através do espanhol *bandola*).

O segundo radical *band*, indicado por CARLOS GÓIS, é por êle tido como derivado do radical *bann*, que significa

edito, citação, e que vem, a seu ver, do baixo latim, o que exemplifica êle com as palavras band-um, band (i) um, presentes na formação, entre outras que indica, da palavra band (o), (edital), donde contra-bando, contra o edital, isto é, contra a lei; band-ido, do it. originariamente homem fora do bando, isto é, fora da lei, etc.

O que registra o Dicionário Etimológico de Antenor Nascentes

Oferece o ilustre filólogo, em poucas linhas, no agora primeiro volume do seu Dicionário, pois que o segundo, dedicado à Onomástica, já veio a lume, o resumo das complicações em que se debatem os rastreadores da palavra bandeira. Diz êle: “Bandeira — do latim *bandaria. (A. COELHO, NUNES, *Gram. Hist.* 167, 180) calcado no radical germânico que deu banda. M. LUBK, REW, 929, tira o port., o esp. e o it. do fr. bannièr, que deriva do fr. *banna, sinal. STAPPERS apela para o got. bandva ou bandvo. A Academia-Espanhola deriva bandera de banda. PETROCCHI liga bandiera a banda”.

Convém pôr em destaque ás várias teorias etimológicas da palavra bandeira, seguindo o enunciado no verbete do dicionário de A. Nascentes, que não propõe pessoalmente nenhuma solução, mas assinala as opiniões existentes.

1º — A do radical germânico band, que deu a palavra portuguesa banda — passando pelo latim *bandaria. Aceitam essa etimologia: ADOLFO COELHO, JOSÉ JOAQUIM NUNES e, como vimos, CARLOS GÓIS, que não se referiu á palavra intermediária uma vêz que não estava fazendo um dicionário etimológico, mas de raizes e cognatos. Também CANDIDO FIGUEIREDO aceita essa etimologia, mas no seu Dicionário apresenta uma pequena variante na grafia do vocábulo intermediário, que êle escreve *banderia, em lu-

gar de *bandaria. — CALDAS AULETE (20) indica a etimologia de bandeira do seguinte modo: “F. Lat. *bandaria, sobre o radical de *banda*”. E preciosamente assinala a pronúncia da palavra em Portugal: “Bandeira — (dai) s.f.”, o que mostra ter ocorrido com a palavra o conhecidíssimo fenômeno de transposição de letras, a partir da forma intermediária suposta, '(bandaria = bandaira) vestígio que ficou conservado na pronúncia portuguesa, mas que se perdeu na brasileira, daí surgindo talvez a razão porque CANDIDO DE FIGUEIREDO acreditou que a forma suposta tivesse sido *banderia, e não *bandaria, o que melhor justificaria a atual ortografia, (*banderia = bandeira), dentro do mesmo fenômeno de transposição de letras.

2º — A do radical francês, **banna*, que significa sinal, palavra também de suposta existência, como bandaria, e da qual se teria derivado o termo *bannière*, do qual o português, o espanhol e o italiano foram tirar os seus termos correspectivos, que são: bandeira, bandera e bandiera. Essa é a etimologia indicada pelo filólogo MEYER LUBKE no seu clássico **Romanisches-Etymolisches Worterbuch*, citado abreviadamente-REW, cuja 3ª edição, inteiramente refundida, foi publicada em Heidelberg, em 1935.

3º — A da origem na palavra gótica *bandva*, ou *bandvo*, proposta por STAPPERS e, finalmente, a teoria da origem da palavra bandeira no termo banda, que é a indicada pelo Dicionário da Real Academia Espanhola para o esp. bandera, e por PETROCCHI para o it. bandiera.

Qual destas teorias é a verdadeira?

(20) A edição consultada é a 3.ª, de 1948, da Parceria Antonio Maria Pereira, Lisboa.

A resposta de Augusto Magne

Ao Instituto Nacional do Livro compete organizar e publicar um Dicionário da Língua Nacional, finalidade que vai sendo atingida através de contribuições parciais, cuja primeira plana é ocupada pela notável obra do sapientíssimo Padre AUGUSTO MAGNE, *Dicionário da Língua Portuguesa*”, abrangendo especialmente os períodos medieval e clássico, e do qual já estão publicados dois volumes, correspondentes às letras A-AF e AG-AL.

Não está, portanto, publicado ainda o verbete bandeira, mas no verbo *abandar* apresenta o erudito filólogo a mais completa exposição de quantas até agora pudemos conhecer, relativamente aos radicais do substantivo bando, no sentido de grupo, sobre o qual o Pe. Magne enumera a existência de diferentes vocábulos, parecidos na forma, diz o autor, mas que nos deram derivações faceis de se confundirem, dada a comum origem germânica de todos êles.

Êsses radicais são os seguintes:

a) o subst. alem. *Band*, fonte do nosso subst. fem. *venda*, significando a faixa com que se cobrem os olhos, e do qual se derivam os verbos *vendar* e *desvendar*. Desse radical se originaram várias palavras francesas, entre as quais *bande*¹ (ligadura), do qual procede o port. *banda*¹ com o significado de faixa, fita, donde sai o verbo *bandar*, isto é, guarnecer de fitas. Da mesma origem, diz MAGNE, dimanam o francês *bande*² e o português *bando*¹ representando gente reunida ou tropa, donde o verbo *debandar* e o subst. fem. *debandada*. A forma feminina *banda*² ensina AUGUSTO MAGNE que é mera variante de *bando*¹, e significa reunião, grupo, companhia. Há uma terceira acepção de *banda*, com o significado de lado, parte lateral, que não vem ao nosso propósito.

b) O subst. germânico *ban*, que significa desterro, proscrição, sendo que dessa raiz germânica procedem o fr.

ban (ban de mariage) e o port. banhos (banhos de casamento).

A forma bann (subst. masc. alem.) com o significado de notificação pública, ordem ou proibição, deu o verbo italiano bandire (apregoar), do qual afirma AUGUSTO MAGNE ter saído o nosso verbo *banir* (desterrar por sentença ou pregão). A mesma forma originou o subst. masc. *bando*², com o significado de proclamação, anúncio público.

c) Diferentemente, porém, do que assevera CARLOS GÓIS, que do radical band (germânico) pretende que se derive band (eira), ou os etimologistas citados por NASCENTES que afirmam sua derivação de *banda*, (que, segundo vimos, também procede de *band*, não havendo, pois, motivo para se aceitar uma derivação secundária quando existe o radical comum às duas palavras), o Dicionário de AUGUSTO MAGNE indica o gótico *bandwa*, *bandwo*, significando sinal, como radical de bandeira, através da forma latinizada *bandum*, não porém diretamente, e sim, através da forma alatinada *bandaria*, da qual afirma proceder também o francês bannière.

A versão de Magne coincide com a de Stappers, como vimos no Dicionário de NASCENTES, no sentido de aceitar o gótico *bandwo* (*bandvo*?) e *bandwa* (*bandva*?) como radical da palavra. A abonação de AUGUSTO MAGNE, que não faz referência a STAPPERS, é a seguinte:

“KLUGE-GOTZ p. 37, 38 etc. *rew* 927, 929, 930, 933 a”.

XI — Conclusão

Esta aproximação das diferentes teorias apresentadas pelos etimólogos mostra como é árdua e por vêzes intrincada essa pesquisa, da qual saímos insatisfeito e incerto de termos obtido um resultado concreto e definitivo.

De qualquer maneira, parece que se pode afirmar que a origem vocabular de bandeira ainda permanecerá

envolta em névoas de incerteza, sendo mesmo improvável que algum dia se aclare completamente o problema.

Um resultado que nos parece evidenciado ao término desta rebusca, é o de que há um dualismo etimológico decorrente da existência de radicais de origens linguísticas diferentes e que emprestam ao vocábulo tanto a idéia de grupo como a de símbolo. Esse dualismo etimológico persiste, é como que reproduzido no sentido histórico da bandeira sertanista, que também consubstancia uma dualidade de objetivos, como bem foi observado por OLIVEIRA VIANA, em passo que vale a pena recordar:

“Há dois tipos principais de bandeiras. Há as bandeiras de guerra e há as bandeiras de colonização. Este segundo tipo domina na expansão paulista para o sul, na colonização dos campos paranaenses, catharinenses e rio-grandenses e no povoamento da orilha meridional até Laguna. Os bandos sertanistas de simples exploração do sertão, de prêa ao índio, de caça ao ouro, de combate aos quilombos pertencem ao primeiro tipo.

Esta diferença de tipos influi na composição da bandeira. Na bandeira colonizadora, é o próprio domínio, com tôdos os seus elementos, que se desloca. Na bandeira de guerra, só figuram os elementos combatentes do latifúndio. Quando, descobertas as minas, entra-se propriamente na fase da exploração industrial, as bandeiras de guerra se transformam em bandeiras de colonização: e a sua composição se complica adquirindo o feitio das de segundo tipo; e o escravo negro é preferido ao mame-luco e ao índio. O núcleo social, daí resultante, sofre, na sua estrutura ethnica, a consequência dessa transmutação de tipo: o negro e o mulato predominam (21).

Isto confirma o destaque em que se coloca o pesquisador J. F. NORMANO, que, conforme vimos, teve um vislumbre de extraordinária exatidão quando viu no feno-

(21) OLIVEIRA VIANA, *Populações Meridionais do Brasil*, 4.^a edição, 1938, pág. 98.

meno da bandeira um dualismo de origem vocabular acentuado pelo seu conteúdo histórico. Realmente, embora proceda a palavra bandeira de um radical gótico diverso do radical germânico que deu origem à palavra bando, o conjunto sertanista teve sua denominação derivada das duas idéias. Foi o que ficou delineado no correr dêste modesto trabalho, lavrado grosseiramente por quem nada sabe de história nem muito menos de filologia, mas que por bem pago se dará, se alguém, armado dos conhecimentos que lhe faltam, retomar o assunto para esclarecê-lo e salientar que esta tentativa foi apenas um ato de audácia, pois que a ignorância é sempre audaciosa. E como justificativa da empresa vá o latim que sempre é prestativo: *Ignorantia in alieni facti tolerabilis error est*".